

RUBEM BRAGA

ARTE E LIBERDADE

Fui hontem ver uma fita franceza. E' admiravel como de poucos annos para cá os francezes conseguiram crear um cinema á altura do americano. Não sou dos que acham o cinema francez melhor que o americano, nem dos que pensam o contrario. Cada um tem suas qualidades proprias. O que é importante assignalar é que o publico que praticamente só gostava de films americanos hoje gosta tambem dos francezes. Poucos films fizeram tanto successo este anno no Rio como "Memorias de um trapaceiro", de Sacha Guitry, lançado sem grande alarde em um pos peores cinemas da Cinelandia. Isso alliado á notavel performance de alguns films inglezes nos fazem pensar que o cinema só se faz grande nas democracias.

O caso da Allemanha é typico. A velha Ufa lançava films que eram "abafas" mundiaes. Já vi Marlene varias vezes no cinema. Nunca vi, entretanto, uma Marlene tão impressionante, tão perturbadora como a de "Anjo Azul".

Compare-se a Marlene de "Anjo Azul" com a de "Jardim de Allah" — e a conclusão a que se chega é que na America ella perdeu mysteriosamente 40 por cento de sua extraordinaria arte. Entretanto o que é hoje o cinema allemão? Salva-se apenas pela musica, e quando se salva. Tem qualquer coisa de pesado, de convencional, qualquer coisa que desagrade immediatamente o nosso publico. Como explicar que a Ufa tenha produzido coisas como "Varieté" e "Tempestade de Paixão"? Muito simples: a morte da democracia na Allemanha matou o cinema. As restricções contra directores e artistas por motivos politicos e raciaes, o caracter "dirigido" de todos os films actuaes, arruinou o cinema allemão. Quando não se perguntava a um artista si era judeu ou aryano, si era conservador ou revolucionario, o cinema allemão creou coisas espantosas. Depois acompanhou a literatura allemã, a pintura, toda a arte allemã, no caminho fatal que tem seguido ultimamente. O caminho do convencionalismo. A arte deixou de ser arte para ser ou uma coisa commercial ou uma arma politica usada pelo governo. Ainda outro dia admirei, nas paginas de uma revista nova de Berlin, photographias dos quadros de uma exposiçáo de pintura. Havia ali coisas admiraveis de belleza e de technica. Sentia-se, entretanto, uma limitação, uma repetição de motivos, uma uniformidade

exasperante. A culpa, naturalmente, não é dos artistas allemães: é da orientação official da arte. Que seria um Picasso ou um Dali si aprendessem a pintar e pintassem exclusivamente segundo as instrucções officiaes de um governo totalitario? Seriam, sem duvida, bons pintores, e inclusive bons artistas. Mas não seriam grandes artistas como são. Seriam brilhantes mediocridades — ou então não poderiam expôr.

Note-se que não sou contra uma obra de arte pelo facto della possuir um sentido politico. Creio, entretanto, que a arte não se desenvolve quando ella é politicamente dirigida. O que acaso houver de politico em uma obra de arte deve ser fructo do sentimento do artista, e não de simples convicções sinceras ou obrigadas. Que destino teria na Allemanha de hoje um pintor que pintasse o povo allemão como Goya pintou o hespanhol? Entretanto quem é mais profundamente hespanhol que Goya? Aquil é o ponto essencial: uma arte que pretenda ser restrictamente allemã não conseguirá nunca ser profundamente allemã. O que ha de profundo no povo allemão é o que ha de profundo em qualquer outro: sua humanidade.

Uma arte dirigida — dirigida, inclusive, por um pintor fracassado — nunca será uma grande arte allemã, porque perde sua liberdade de ser humana, e fica sendo qualquer coisa de superficial, de convencional, de fraco.

No cinema isso é escandalosamente visivel. Houve, no passado, um cinema italiano que, para a sua época, era notavel. Que ha hoje? Apon-tem-me um unico film italiano destes ultimos dez annos que possa merecer a classificação de passavel!

Esses exemplos devem servir para nós, brasileiros. Já tivemos aqui, ha pouco tempo o caso de um governo estadual mandar raspar as pinturas da parede de um edificio publico sob a allegação muito discutivel de que o artista era contrario ás ideias do regime. A pintura nada tinha de politica: era simplesmente bella — talvez uma das melhores coisas que seu autor, Di Cavalcanti — já fez até hoje. Que se trate de cinema, de romance, de poesia, de musica, de pintura ou de escultura, de theatro ou de architectura, a arte precisa sobretudo de liberdade. Sem isso ella deixa de interessar o publico e se degrada aos poucos até perder o direito de ser chamada de arte.